

CLÁSSICA AQUI PERTO

O sonho de
Pedro Amaral

A combinação é irresistível: (Fernando) Pessoa e Salomé. As circunstâncias também: a primeira encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian a ser encenada desde a “Trilogia das Barcas”, de Joly Braga Santos, em 1970; uma estreia mundial em Londres seguida da estreia portuguesa, ambas com a London Sinfonietta. Há um baú pessoano na cabeça de cada um. Ao desencantar este fragmento onírico de Pessoa, o compositor Pedro Amaral (n. 1972) vestiu as palavras com harmonias cintilantes. O resultado, “O Sonho”, é uma ópera onde o drama passou para a orquestra. O texto é um longo monólogo narcisista desdobrado por três Salomé (heterónimos?), rematado por uma coda de alguma acção. Ao sonho do poeta junta-se o sonho do compositor (mais o da encenadora, Fernanda Lapa). Possivelmente a cabeça degolada também sonha. Três sopranos e três barítonos, mais um conjunto heterodoxo de quinze instrumentistas dão voz à lírica. Carla Caramujo é a Salomé, e Jorge Vaz de Carvalho, o pai Herodes. O texto, perfumado e simbolista, evoca a “Salomé” de Oscar Wilde (que Pessoa terá, ou não, conhecido) e rejeita a de Eugénio de Castro (que o poeta não apreciava). Amaral considera a “Salome” de Richard Strauss o supra-sumo da ópera do século XX. A música de “O Sonho”, porém, é bem do nosso tempo. À laia do original pessoano, um chocante exercício de sedução. –

JORGE CALADO

Londres, *The Place*, 25 de Abril; Lisboa,

Fundação Gulbenkian, 3 de Maio